

## Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica

### APRESENTAÇÃO

Este texto pretende reflectir sobre um percurso de investigação assente na prática da metodologia qualitativa e sobre o valor que pode ter para a pesquisa sociológica a utilização da *entrevista compreensiva* (J. C. Kaufmann), ou seja, o contacto directo com o objecto de estudo, enquanto objecto falante (o narrador). A *narrativa de vida*, que desse contacto se obtém, contribui para a emergência de um «relevo» numa realidade, por vezes «aplanada» pelos números, difícil de obter pelas técnicas de quantificação.

Trata-se, no essencial, de confrontar impressões do trabalho de campo com a experiência de alguns teóricos da etnossociologia que privilegiam a *biografia* e a *narrativa de vida* na recolha da informação (D. Bertaux, J. Peneff, J. C. Kaufmann e M. Maffesoli).

Baseamo-nos em extractos do «diário de bordo» elaborado, entre Julho e Setembro de 1998, na sequência das entrevistas realizadas no concelho de Ponta Delgada (São Miguel, Açores) e que integram uma pesquisa de doutoramento sobre «As transições familiares e a construção da identidade das mulheres».

### NOTAS E REFLEXÕES DO TRABALHO DE CAMPO

Aproximei-me de carro. À porta a senhora esperava-me...

— Tenho estado a pensar no que me vai perguntar! Espero saber responder!

— Com certeza que sabe! — respondo eu.

---

\* Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

— Ainda preocupada, a senhora afirma:  
— No que estiver ao meu alcance!  
— Vai ver, é apenas da sua vida que se trata... nada mais!  
Então faça-me perguntas!  
Mas, lançada a primeira, a conversa desfiou como quem abre a comporta de um dique... [Diário de bordo, 7-8-98.]

A tarefa do sociólogo é a de falar de um mundo concreto de homens e mulheres, entre os quais ele próprio se situa. E, na medida em que o pensamento sociológico é potencialmente portador de conhecimento, de compreensão e de apreciação, o sociólogo tem de ser entendido não apenas por uma elite «científica», mas por essa sociedade que ele «faz falar», a quem pode legar a sua própria pesquisa, numa linguagem que *ilumine* o desconhecimento geral (Daniel Bertaux, 1979, 11).

A realidade sociológica é sempre uma construção que se fundamenta num universo factual. Ao investigador cabe encontrar, através dessa construção, o essencial de um real, por vezes, quotidiano e anulado pelas rotinas comportamentais. O discurso do sociólogo é tanto mais fundamentado e melhor entendido quanto mais «enraizado» for na realidade que pretende explicar. Nesse sentido, o sociólogo que se interessa pelo quotidiano procura «integrar no e através do conhecimento o que está próximo; inventa (no sentido de *in-venire*), salientando todos os fragmentos de situações minúsculas, banalidades que, por sedimentação, constituem o essencial da existência» (M. Maffesoli, 1988, 48)<sup>1</sup>.

É hoje consensual afirmar a importância de uma abordagem plurimetodológica como estratégia eficaz na «clarificação» dos fenómenos, quer em termos da sua extensão, quer em termos do seu significado. Para a sua compreensão, as técnicas de recolha de informação e as metodologias quantitativas ou qualitativas que as enquadram não se opõem, antes se completam. Essa pluriabordagem corresponde, em termos metodológicos, à própria integração científica das diferentes ciências sociais. Tendem a estabelecer-se fronteiras cada vez menos rígidas entre as várias dimensões do real. Sem prejuízo da especificidade de cada leitura científica, procura-se um modo de olhar que se quer «aberto». Nesse sentido, é cada vez mais frequente a utilização por parte da sociologia de técnicas qualitativas baseadas na relação aprofundada com um pequeno número de actores sociais. A *história de vida*, a *biografia*, a *entrevista em profundidade*, são disso exemplo e poderão representar para a investigação sociológica instrumentos privilegiados de análise da realidade. O contacto

---

<sup>1</sup> Nota: todas as citações foram traduzidas pela autora do texto.

<sup>2</sup> Distanciamento foi muitas vezes entendido como «insensibilidade», «pura neutralidade afectiva», «objectividade científica», como se o sociólogo ser humano não existisse no investigador.

directo do sociólogo com os actores não anula o *distanciamento*<sup>2</sup> que a ciência exige. Antes transforma a recolha de informação numa experiência que «humaniza» a própria investigação<sup>3</sup>, ou seja, proporciona ao investigador a possibilidade de «ver por dentro», tomando uma dupla posição de observação: a de investigador e a do próprio actor.

Como em qualquer técnica de trabalho, o instrumento de recolha de dados (quer se trate do questionário, quer de uma entrevista gravada) representa, ao mesmo tempo, um prolongamento da capacidade de entendimento do investigador na procura de sentido, constitui-se como uma barreira entre os dois universos em jogo — a realidade factual e a análise científica —, aliás agravada pelo próprio acto de inquirir — no caso do questionário, exigindo a compreensão de questões escritas, algumas de resposta condicionada, no caso da entrevista, marcada pela barreira de um gravador ou de um contexto nem sempre favorável à conversa, como acontece em entrevistas feitas em «gabinetes», mediadas pela presença de uma secretária, que intimida o entrevistado.

— Sente-se, esteja à vontade...não sei se quer ficar aqui, na cozinha?

— Por mim, tudo bem!

— Mas, se quiser, podemos ir para a sala!

— Não é necessário, estamos muito bem aqui e assim podemos conversar à volta da mesa. Já agora, a sua cozinha é muito bonita, tem muita luz!... [Diário de bordo, 8-8-98.]

Desculpe lá a pequenez, mas é o único sítio que eu tenho para receber as pessoas. [Diário de bordo, 28-7-98.]

A eficácia na utilização da técnica da entrevista em profundidade não só depende do domínio da metodologia em que se insere, mas também exige uma atitude «antropológica» do entrevistador. A empatia é fundamental na entrevista. A psicologia social há muito que definiu essa condição básica para o sucesso da relação, nomeadamente na relação terapêutica (C. Roger). No entanto, a sociologia, porventura marcada por um formal distanciamento provocado pelo conceito de *objectividade científica*, tem sido levada ao uso exagerado de um rígido esquema predefinido de questões. A entrevista, como refere o texto crítico de N. Mayer<sup>4</sup> (1995, 362), deve ser tida cada vez

---

<sup>3</sup> Entenda-se humanização no sentido em que introduz o contacto directo com o objecto de estudo, introduz a subjectividade dos actores e o contacto face a face do investigador com a humanidade desses actores em contextos concretos de interacção.

<sup>4</sup> Nonna Mayer analisa neste texto a obra coordenada por Pierre Bourdieu, *La misère du monde*, e sublinha alguns dos aspectos negativos de que a metodologia da entrevista enferma nesse estudo, realçando, por outro lado, os benefícios e alguns segredos do sucesso dessa técnica de pesquisa.

mais como um momento que pode, ou deve, proporcionar ao entrevistado uma ocasião inesperada de se interrogar sobre si mesmo e de testemunhar. Há, porém, segundo o mesmo autor, duas condições a não esquecer. Uma é de ordem *ética*, que poderá resumir-se na atitude básica da compreensão, o que não significa envolvimento, antes a capacidade de estar disponível para o outro, de olhar de um modo diferente. A outra é de carácter *cognitivo*: exige ao sociólogo o conhecimento do meio onde se realiza o trabalho de campo e um olhar crítico sobre essa mesma realidade. Nesta perspectiva, nada substitui o contacto do sociólogo com «o outro» (o real), de preferência sem a total mediação de entrevistadores recrutados, quanto mais não seja porque é através dessa sua experiência que poderá situar o conteúdo transcrito de cada entrevista. Contudo, e como refere Mayer (1995, 363) na sua análise sobre algumas atitudes básicas no uso da técnica da entrevista:

Et, s'il existe un «métier» de sociologue permettant de restituer le discours de l'enquêté dans le contexte social et culturel dont il est produit, d'ajuster ses questions et ses relances, il existe aussi un métier d'enquêteur. La capacité à écouter autrui et à se projeter en lui ne s'improvise pas. Un bon sociologue n'est pas nécessairement un bon enquêteur.

A relação do sociólogo com o entrevistado deverá transformar-se, durante a entrevista, numa relação de confiança, o que pressupõe uma certa familiaridade com a população em estudo. Mas não se trata de criar intimidade com a pessoa em causa, o que em muitos casos provoca efeitos negativos, limitando quer a espontaneidade do entrevistado, quer a própria capacidade do entrevistador de se deixar surpreender.

O entrevistado deve sentir-se à vontade e ser levado a ocupar lugar central durante a entrevista. Daí que seja ele a tomar em muitos momentos a iniciativa do discurso. O entrevistador deve evitar condicionar as respostas pelas próprias perguntas que faz. Este risco existe sobretudo quando se parte para o trabalho de campo com um esquema teórico explicativo predefinido e demasiado elaborado.

Uma entrevista corresponde sempre a uma versão de uma história. Por um lado, sempre que alguém «se conta», conta-se a alguém em concreto e numa determinada circunstância (J.-L. Le Grand, 1988, 4). O próprio discurso está, pois, condicionado por uma certa anamnese. Ou seja, estamos perante uma construção selectiva baseada na memória e nas representações. Por outro lado, a entrevista é conduzida segundo os objectivos definidos pela própria investigação. Não se trata, por isso, de ouvir um qualquer relato ou uma história sem estrutura de sentido, mas de ouvir falar a realidade segundo um traçado que lhe é proposto e em relação ao qual o entrevistado se cola ou se desvia. Cabe depois ao sociólogo explicar esses discursos, descodifi-

car-lhes o sentido, interpretá-los, aproximando a definição inicial do seu objecto com o real encontrado.

Nem percebo como é que me estou a abrir tanto consigo... [Diário de bordo, 24-7-98.]

Quando saí da casa de A. senti de repente um enorme cansaço e um sentimento de que carregava comigo o «peso» de uma vida, que eu não podia silenciar. [Diário de bordo, 28-7-98.]

A *entrevista em profundidade (compreensiva*<sup>5</sup>) permite abordar, de um modo privilegiado, o universo subjectivo do actor, ou seja, as representações e os significados que atribui ao mundo que o rodeia e aos acontecimentos que relata como fazendo parte da sua história. Essa subjectividade é, para o sociólogo, não um mero reflexo da individualidade desse actor, mas de um processo de socialização e de partilha de valores e práticas com outros, ou seja, resulta de uma intersubjectividade. Nesse sentido, e para obviar o carácter individual da biografia, J.-L. Le Grand (1988, 3) aponta a importância da entrevista em grupo, porventura mais próxima do contexto de uma análise sociológica. Parte-se do pressuposto de que, em grupo, os indivíduos retratariam melhor a própria dinâmica grupal. Há, no entanto, um senão nessa perspectiva: o facto de o significado dos comportamentos, das acções, ou a lógica que justifica as opiniões serem sempre, em parte, conhecidos e, em parte, privados e nem sempre conscientes para o próprio actor. É, por vezes, no acto de se contar que o próprio indivíduo encadeia situações e motivos que nunca foram por ele explicitados.

Na realidade, a narrativa de uma vida revela uma sucessão de contextos interactivos e de personagens, onde as experiências relatadas não só afectam esses contextos, mas também transformam os próprios actores (Bertaux, 1979). Num discurso orientado pelo fio condutor do tempo, o entrevistado é levado a rever-se em diferentes contextos e a situar as diferentes personagens que neles de alguma forma interagem. *Contar-se* é também *olhar-se* e identificar momentos marcantes de transição e mudança.

Naquele tempo, enquanto a minha mãe foi viva, nós éramos mais alegres... [Lúcia, 35 anos, divorciada.]

Muitas das minhas colegas viveram o 25 Abril como um tempo de euforia! Naquela altura eu queria era libertar-me dos meus pais e por isso fui viver com

---

<sup>5</sup> J. Claude Kaufmann (1996) introduz o conceito de «entrevista compreensiva» como metodologia qualitativa que permite a construção de uma sociologia, também ela, compreensiva.

um amigo! Hoje sinto que devia ter antes optado por fazer um curso superior!  
[Rita, 37 anos, casada.]

Eu antes, quando olhava os pedintes, sentia repulsa, preferia afastar-me e conviver com pessoas mais educadas; hoje compreendo-os e olho-os de um modo diferente, eu já sofri como eles. [Berta, 49 anos, casada.]

Como classificar o tipo de informação recolhida através da entrevista em profundidade? Facilmente se confunde a designação *história de vida*, *narrativa*, *testemunho*. Na realidade, cada designação corresponde a uma orientação epistemológica: a *história de vida* implica a globalidade de uma existência, feita de diferentes épocas ou fases, tratando-se de um discurso autobiográfico. A *narrativa* corresponde ao discurso de um actor sobre *a sua história de vida*, onde este *se conta*, sem, no entanto, ser forçosamente autobiográfico. Finalmente, o *testemunho* representa um relato centrado num «acontecimento» vivenciado pelo autor do discurso de uma determinada maneira.

A importância da *entrevista em profundidade* numa pesquisa sociológica decorre do facto de este tipo de recolha de dados poder ser definido por dois aspectos: a sua *dimensão narrativa* e a enunciação ou emergência de um *eu social* (Chanfrault-Duchet, 1988, 27). Trata-se de uma *narrativa* na medida em que o indivíduo «conta» a sua história ou melhor dizendo, *conta-se* num determinado momento ou situação; todavia, o investigador não pretende centrar-se no particularismo de cada narrativa, no «eu individual» que ela representa. Esta metodologia, ou etnometodologia, exige a recolha de diferentes narrativas, de diferentes actores que viveram experiências similares, mas «pode ultrapassar as singularidades de cada narrativa e construir progressivamente uma representação sociológica das componentes sociais (colectivas) dessa situação em estudo» (Bertaux, 1997, 33). «Ao comparar casos diferentes, o sociólogo subsume, das narrativas individuais, lógicas mais amplas.» Neste sentido, «o trabalho do sociólogo consiste precisamente em criar novas formas temporais de causalidade para dar a ver novas vias de inteligibilidade das práticas sociais» (Conninck e Godard, 1990, 25). O objectivo da perspectiva etnossociológica, utilizando a designação de Daniel Bertaux (1997, 7), não é o de procurar os esquemas de representações ou o sistema de valores de uma determinada pessoa isolada, nem mesmo de um grupo social, mas de estudar um «fragmento» particular da realidade sócio-histórica<sup>6</sup>, um «objecto social».

---

<sup>6</sup> Daniel Bertaux define «fragmento particular da realidade sócio-histórica», um determinado mundo social centrado numa actividade específica ou uma determinada categoria de situação que reúne determinadas pessoas numa mesma situação.

Daí que não se excluam outras fontes de informação, como seja a informação estatística, as entrevistas a informadores privilegiados.

A sociologia, ao utilizar a *entrevista compreensiva* como fonte de informação/recolha, procura, entre outras coisas, entender o modo como os indivíduos vivenciam o seu quotidiano, em particular determinados acontecimentos ou mudanças, durante a sua vida. Na realidade, uma história de vida não é uma sequência «uniforme» de acontecimentos, mas é um traçado, por vezes sinalizado por acontecimentos marcantes, momentos de transição que confirmam trajectórias ou contribuem para as redefinir. Trata-se ao mesmo tempo de olhar um conjunto de «pequenos fragmentos de vida» e de os situar num contexto mais alargado, em particular quando nos «detemos» nos momentos de transição do ciclo de vida. Estes momentos interessam, em particular, à análise sociológica, na medida em que são situações onde a história individual aponta para uma dimensão do contexto social, institucional, de representações e modelo em que o indivíduo em causa se insere. Não estamos perante retratos acabados de uma «identidade» particular, mas perante parcelas de um contexto onde se evidenciam as vivências individuais.

Como refere Hoerning (1988, 38), este tipo de estudo começa num momento preciso da história de vida, e tal significa que o passado biográfico entra no estudo como parte integrante dessa história de vida e influencia quer o presente, quer o futuro, sendo tido como uma variável, tão importante como o sexo, as aquisições sociais ou outras. Este indivíduo, cuja biografia pode ser contextualizada num determinado tempo histórico, participa como membro de um grupo e de uma geração, e, nesse sentido, a pesquisa sociológica procurará descobrir em que medida as experiências individuais podem ser utilizadas como recursos biográficos, quando relacionadas com os recursos estruturais, na explicação de uma transição biográfica.

A minha mãe morreu; o meu pai era uma pessoa que bebia e maltratava a gente; e isso tudo é que me levou a casar mais cedo (14 anos). [Lúcia, 35 anos, divorciada.]

A estrutura identitária de uma «narrativa» não representa uma sucessão de etapas que se excluam mutuamente, porque o narrador, ao *contar-se*, constrói a sua identidade, reconstruindo o seu passado, revelando lugares de conflito, rupturas e aquisições/aprendizagens que fez com outros e consigo mesmo. A unidade identitária, que permite associar uma determinada narrativa a uma determinada história de vida, é uma construção dinâmica na medida em que, ao reconstruir de um modo diacrónico a sua própria iden-

---

<sup>7</sup> Tipologia — entendemos esta construção teórica como um conjunto de categorias construídas pelo sociólogo no sentido de melhor enquadrar a lógica de uma determinada realidade na diversidade de características e de situações que a definem.

tidade, o narrador integra diferentes momentos numa mesma experiência, conferindo-lhes coerência. Esta não resulta apenas dos traços individuais do narrador, nomeadamente da sua personalidade, mas contem «processos sociais estruturais».

Naquele tempo, pós-25 de Abril, eram poucas as raparigas que os pais deixavam ir estudar para Lisboa; restava-lhes o magistério ou a enfermagem. [Margarida, 40 anos, casada.]

O conteúdo de uma *narrativa de vida* pode ser utilizado em três momentos da investigação: na *fase exploratória*, na *fase analítica* e na *fase de síntese teórica* (Daniel Bertaux, 1988, 19). A primeira utilização (*exploratória*) é porventura a mais frequente, já que não implica uma grande formalização do guião temático nem a exaustão na procura da informação. O objectivo principal é «entrar» no terreno e detectar alguns dos processos mais evidentes. A preocupação principal do investigador é a de «fazer emergir as linhas de força [...] os nós do terreno» (D. Bertaux, 1988, 19). Na *fase analítica*, o objectivo reside na construção, a partir da transcrição das *narrativas de vida*, de tipologias, de hipóteses, ou seja, na elaboração de uma teoria que permita interpretar o sentido da realidade social em estudo. Para Daniel Bertaux, o discurso narrativo pode, nesta fase, ser analisado segundo dois grandes eixos. Uns interessar-se-ão pelos *significados transmitidos* pelos actores que contam a sua vida. Outros privilegiarão as relações, as normas, *os processos que estruturam* e suportam a vida social e «c'est ici le social qui s'exprime à travers des voix individuelles» (D. Bertaux, 1988, 20). A este nível coloca-se, frequentemente, a dúvida sobre a representatividade dos discursos encontrados. Na realidade, essa validade não corresponde a uma medida estatística, como acontece nos métodos quantitativos. Ela resulta da saturação dos casos que repetem a mesma estrutura de um determinado fenómeno, que não é do foro psicológico, mas releva do universo social. É essa saturação que permite construir um modelo analítico e pode, *a posteriori*, ser confrontada com outros casos, a que Bertaux, citando Lidesmith, chama «casos negativos», que permitem verificar o modelo construído. A *fase de síntese*, ou seja, a passagem ao texto escrito, exige do autor a capacidade de transpor para a palavra não só o modelo teórico explicativo, mas também a própria realidade observada. Daí ser frequente introduzir expressões retiradas das entrevistas, das narrativas individuais, no sentido de ilustrar o discurso científico, que valem na medida em que contribuem para levar o leitor a situar a análise teórica numa realidade concreta. Algumas obras baseiam-se, na íntegra, na revelação das narrativas, fazendo desaparecer «aparentemente» o autor da obra, que, assim, dá voz a outros que ele soube fazer falar de si e de uma circunstância concreta.

A análise de uma *narrativa de vida* permite fazer emergir um enredo, que se fundamenta em diferentes temporalidades, e definir a historicidade de um fenómeno não apenas como resultado de uma sucessão de momentos, mas como um processo. Por este facto, este tipo de material é fundamental na pesquisa da *identidade*, como fenómeno processual. Esta metodologia permite situar o tempo individual (a trajectória de uma vida concreta) num contexto situacional mais abrangente.

Enquanto falava de si... o seu olhar procurava-me, revelando uma confiança progressiva. [Diário de bordo, 19-8-98.]

Tenho pensado nesta metodologia. Realmente é muito rico ouvir as pessoas falarem de si, sentir as emoções que os momentos geram, as cores, os gestos e as expressões do rosto que ilustram as palavras... A gravação não guarda um sorriso ou uma crispação do rosto, uma lágrima ou um simples brilho no olhar... só em parte a memória e as notas do entrevistador. [Diário de bordo, 5-8-98.]

«Quando o investigador, o sociólogo, recolhe uma narrativa de vida, coloca, ao mesmo tempo, a interacção como um momento concreto do desenrolar da sua investigação» (Chanfrault-Duchet, 1988, 28). O acto de entrevistar, a experiência da entrevista, da recolha, devem ser cuidados e analisados não apenas como uma simples técnica que se aplica, mas como uma experiência humana que se vive e que, por esse facto, compromete o investigador e o narrador. «Através da narrativa da sua história, o indivíduo debruça-se sobre si mesmo e é obrigado a organizar, de uma forma coerente, as suas memórias desorganizadas e as suas percepções imediatas [...]» (Cipriani *et al.*, 1985, 261). Não raras vezes o discurso gravado é marcado por momentos de silêncio, sobreposições de vozes, monossílabos, frases incompletas..., que deverão ser respeitados na transcrição e tidos em conta na leitura e interpretação do texto escrito.

Trata-se de um diálogo, de uma conversa intencionada. À entrevista está subjacente um contrato entre o investigador e o entrevistado. Segundo Chanfrault-Duchet (1988, 28-29), esse contrato é, ao mesmo tempo, *narrativo*, *autobiográfico* e *interpessoal*. É *narrativo*, na medida em que o entrevistador solicita que o entrevistado «lhe conte como foi...», utilizando para tal uma baliza temporal, um fio condutor que confere coerência ao discurso narrativo. É *autobiográfico*, uma vez que essa narrativa se centra numa vida concreta, a do entrevistado, que fala na primeira pessoa e se torna o sujeito da história que é contada. É *interpessoal*, porque o entrevistador tem, também ele, um projecto, o de investigar um determinado objecto, devendo procurar fazer convergir o discurso do narrador para os seus objectivos. «A este nível, a relação entre os dois parceiros corresponde à do investigador com o seu objecto, objecto que aqui se torna um ‘corpo falante’» (Chanfrault-Duchet, 1988, 29).

*Contar-se* ou deixar que outros o levem a isso não é tarefa fácil, em parte porque a auto-reflexão é um exercício nem sempre habitual no quotidiano dos indivíduos. Por esse facto, o sentimento que, frequentemente, emerge no fim de uma entrevista é o de mútuo agradecimento: o investigador, por ter podido ouvir uma narrativa «até então privada»; o entrevistado, porque lhe fez bem contar-se. A este propósito, J. C. Kaufmann (1996, 48) refere que o informador é levado a sentir-se o centro da conversa sem que tal dependa do conteúdo de uma opinião que é dada em função de um interrogatório de perguntas fechadas, mas antes porque possui um saber, uma história particular, que o entrevistador desconhece, mas que irá poder registar na medida em que souber orientar a conversa segundo os objectivos da pesquisa.

[...] mas a que propósito se lembrou de mim?... Por que é que alguém quer saber coisas da minha particularidade ordinária?! [Diário de bordo, 22-7-98.]

Há em cada entrevista uma fase de enquadramento, que pode ser formal (o preenchimento de um ficha de caracterização), mas que na prática permite aos dois intervenientes a definição dos limites em que vai decorrer a conversa. Por vezes, há necessidade de aprofundar um pouco mais a própria área de interesse que leva o sociólogo ao trabalho de campo, mas também acontece que este «aquecer de motores» se faça a partir de um conversa mais «banal» sobre o tema da entrevista ou até mesmo sobre o quotidiano; o importante é que nesta fase não há entrevistador nem entrevistado. Trata-se de uma conversa informal que, ao mesmo tempo que contribui para um certo interconhecimento, descomprime a tensão que sempre se gera perante a «gravação» de uma conversa.

[...] faça de conta que o gravador não está aqui, e conversemos à vontade!

A condução da entrevista é, em geral, orientada por um guião que se construiu, mas que se procurou interiorizar (decorar) nas suas grandes linhas. Quando se acciona o gravador, há um momento de «embarço», mas que logo é ultrapassado. O entrevistado é levado a *contar-se* e, progressivamente, a proximidade entre o narrador e o investigador aumenta, na mesma medida em que este último coloca a vida do narrador no centro da entrevista. Passado pouco tempo, torna-se irrelevante a presença do gravador.. Pena é que o entrevistador não possa esquecê-lo totalmente, pois correria o risco de perder parte do discurso.

[...] olhos nos olhos, vi-lhe algumas lágrimas correrem; às vezes ficava com os olhos brilhantes quando a comoção, a tristeza ou mesmo a raiva... faiscavam nos seus olhos... [Diário de bordo, 7-8-98.]

[...] de vez em quando batia com o punho fechado na mesa quando, nas palavras, sobressaía a raiva e o ódio. [Diário de bordo, 28-7-98].

A entrevista não se resume a uma gravação. Aliás, ninguém se conta a um gravador, mas a *alguém!* O entrevistador é esse *alguém* que se faz eco de uma gargalhada ou de um soluço, alguém que reage, não um simples «gravador humano». Há, como referimos, uma relação interpessoal onde ressaltam expressões não verbais, silêncios, palavras que se dizem com mais intensidade ou, pelo contrário, se sussurram quase a medo. À medida que a confiança se instala, o discurso adensa-se, a história deixa de ser banal e recheia-se de pormenores particulares. Acontece, por vezes, que a narrativa é feita em diferentes graus de profundidade; num primeiro tempo o entrevistado apenas situa espaços e personagens, marca datas numa história que parece igual a tantas outras. Só a atenção do investigador consegue dar conta de contradições, vazios de sentido e, não raras vezes, é num segundo momento que o entrevistado é levado a retomar o mesmo percurso, esclarecendo zonas de sombra deixadas na primeira «versão» da narrativa. A regra de ouro é não ter pressa de acabar.

— Ninguém vai poder saber que fui eu que disse isto?!

— Fique descansada, será sempre salvaguardado o seu anonimato. [Diário de bordo, 19-8-98.]

De cada vez que ouço uma narrativa ponho à prova não só a minha capacidade de entendimento e de pesquisa de sentido, mas também a minha capacidade de escuta da vida. É um trabalho solitário, duro e difícil, mas que nada o substitui! Sinto que, se outros o fizessem por mim, ouviria apenas um eco, sem poder sentir vibrar o real através das vozes. [Diário de bordo, 28-7-98.]

A entrevista permite «sentir o real» na medida em que o investigador esclarece junto do entrevistado, desde o início, os seus objectivos, a estrutura que pretende dar ao evoluir do inquérito e a finalidade a que se destina o material a recolher. Esta dimensão revela-se de importância acrescida para a conquista da sua colaboração. Saber que o seu discurso irá integrar um estudo alargado, uma tese ou mesmo a produção de um livro provoca em muitos casos a participação entusiasta do entrevistado e, ao mesmo tempo, compromete o investigador nessa contrapartida, ou seja, divulgar e reflectir sobre o sentido, de forma explicativa, daquilo que para cada entrevistado é apenas «um caso», um «contexto particular».

## SÍNTESE DE UM TRABALHO DE CAMPO

«Não me lembro de escrever um diário senão quando passei por esse tempo a que chamamos adolescência. Voltar a fazê-lo, sob a forma de um ‘diário de bordo’, para registar as impressões de um ‘percurso’ que ia trilhando no trabalho de campo, os ambientes em que decorriam as entrevistas e os primeiros sentimentos que me provocavam, foi para mim uma experiência de

amadurecimento científico, talvez uma ‘adolescência’, maturação do meu percurso de investigadora...!»

Não há dúvida de que a *narrativa de vida*, que em parte se obtém através da técnica da *entrevista em profundidade (compreensiva)*, é uma metodologia que conduz o investigador a procurar o «essencial». O ponto de partida da investigação deixa de ser exterior à realidade, mas nasce desta. Aliás, J. C. Kaufmann (1996, 23) e Daniel Bertaux (1997, 21) apontam mesmo para a construção das hipóteses a partir do trabalho de campo, numa dialéctica constante entre a reflexão teórica e a realidade concreta. O cientista como que encontra a intimidade da realidade social, porventura trivial e quotidiana. A esta etapa da investigação, fundamental numa postura compreensiva da realidade, corresponde a convicção de que os «homens não são simples agentes, portadores de estruturas, mas são produtores activos do social, logo depositários de um saber importante que é preciso apreender do interior, por via do próprio sistema de valores dos indivíduos; trata-se, por isso, de uma fase de *intropatia*» (J. C. Kaufmann, 1996, 23). É claro que o objectivo da pesquisa sociológica não reside apenas nesta fase de *intropatia*, mas pretende interpretar e explicar, de modo compreensivo, o social (J. C. Kaufmann, 1996, 23).

Esta reflexão sobre a metodologia qualitativa corresponde ao impacte gerado por este «mergulhar na realidade» que representa o trabalho de campo. Contactar as pessoas a entrevistar, recolher as suas narrativas, representa uma parte difícil do «percurso» que se trilha numa investigação. Se ela abre possibilidades de um melhor entendimento da realidade, também exige ao investigador um maior cuidado nas leituras e interpretações que daí possam nascer. É por vezes no acto de transcrição das entrevistas que o investigador reencontra as «vozes do real» e descobre as linhas de força que irão estruturar a própria investigação, o que significa ultrapassar a singularidade da situação e atingir os elementos que conduzem à construção da dimensão social (colectiva) subjacente e permitem a «descoberta» de uma *tipologia*<sup>7</sup>. A utilização das narrativas de vida na construção de uma *tipologia* não invalida a utilização de outras técnicas de recolha que possam confirmar essa tipologia a partir de um conjunto de questões comuns, de uma caracterização alargada da população em estudo. O importante é demonstrar a *coerência interna* dos diferentes *tipos*, que, no caso das narrativas, nos conduzem a definir diferentes tipos de trajectória, e encontrar subjacentes a essa tipologia os *mecanismos sociais* que a justificam (D. Bertaux, 1997, 96).

O sociólogo que escolhe a *entrevista compreensiva* como «meio de investigação» da dimensão social que o preocupa encontra, através da *narrativa de vida*, o sentido, o pormenor, a particularidade, que torna um actor social um informador privilegiado e nos permite *olhar a realidade social por dentro*.

**BIBLIOGRAFIA**

- BERTAUX, Daniel (1979), «Écrire la sociologie», in *Information sur les sciences sociales*, Londres e Beverly Hills, Sage, 19 (1), pp. 7-25.
- BERTAUX, Daniel (1988), «Fonctions diverses des récits de vie dans le processus de recherche», in *Sociétés, revue des sciences humaines et sociales*, Paris, Ed. Masson, n.º 18 pp. 18-22.
- BERTAUX, Daniel (1997), *Les récits de vie*, Paris, Ed. Nathan (col. 128), 127 páginas.
- CHANFRAULT-DUCHE, T. M. F. (1988), «Le système interaccionnel du récit de vie», in *Sociétés, revue des sciences humaines et sociales*, Paris, Ed. Masson, n.º 18, pp. 26-31.
- CIPRIANI R., E. Pozzi e C. Corradi (1985), «Histoire de vie familiale dans un contexte urbain», in *Cahiers internationaux de sociologie*, vol. LXXXIX, pp. 253-262.
- CONINCK, Frédéric de, e Godard Francis (1990), «L'approche biographique à l'épreuve de l'interprétation — les formes temporelles de la causalité», in *Revue française de sociologie*, Janeiro-Março, vol. XXXI (1), pp. 23-53.
- HOERNING, E. M. (1988), «Les expériences de vie: charge ou défi», in *Sociétés, revue des sciences humaines et sociales*, Paris, Ed. Masson, n.º 18, pp. 37-42.
- KAUFMANN, Jean-Claude (1996), *L'entretien compréhensif*, Paris, Ed. Nathan (col. 128), 127 páginas.
- LE GRAND, J. L. (1988), «Histoire de vie de groupe. À la recherche d'une 'lucidité méthodologique'», in *Sociétés, revue des sciences humaines et sociales*, Paris, Ed. Masson, n.º 18, pp. 3-4.
- MAFFESOLI, M. (1988), «Remue-ménage et remue-méninge», in *Sociétés, revue des sciences humaines et sociales*, Paris, Ed. Masson, n.º 18, pp. 47-48.
- MAYER, Nonna (1995), «L'entretien selon Pierre Bourdieu — analyse critique de *La mise à nu du monde*», in *Revue française de sociologie*, vol. XXXVI, pp. 355-370.
- PASSERON, Jean-Claude (1990), «Biographies, flux, itinéraires, trajectoires», in *Revue française de sociologie*, Janeiro-Março, vol. XXXI (1), pp. 2-22.
- PENEFF, Jean (1990), *La méthode biographique*, Paris, Ed. Armand Colin.